

A Dominação Masculina revisitada

Annick Prieur

Com este texto, pretendo apresentar algumas das ideias principais deste livro e também comentar a sua relevância para a compreensão da opressão e das desigualdades contemporâneas baseadas no sexo ou no gênero.¹

É necessário explicar por que razão utilizo os termos sexo e gênero. Há alguns anos, todos nós “sabíamos” que o “sexo” era biológico e o “gênero” era social. O sexo era um dado adquirido e o gênero era um produto da socialização, talvez, em certa medida, também da escolha. No entanto, o conceito francês de “gênero”, que corresponde ao inglês “gender”, não era ainda muito utilizado em França na altura em que Bourdieu escreveu sobre o assunto, uma vez que, em francês, a ligação da palavra aos sexos se referia apenas aos gêneros gramaticais. Bourdieu escreveu, portanto, sobre “*les sexes*” e não sobre “*les genres*”. Caso estivesse mais atualizado nas suas leituras do feminismo francês, talvez tivesse querido questionar a escolha dos termos. Hoje, porém, a distinção sexo/gênero já não funciona tão bem. É do conhecimento geral que o sexo não é assim tão absoluto e dicotômico, enquanto a identidade de gênero não é alheia à biologia. Por conseguinte, considero mais pertinente utilizar o termo combinado “sexo/gênero” para designar aquilo que, em minha opinião, deve ser entendido como um nexos complexo entre o biológico e o social.

Começarei com as primeiras palavras de uma apresentação que Bourdieu fez do livro (Bourdieu, 1998): “A dominação masculina está tão enraizada no nosso inconsciente coletivo que já nem sequer a vemos.” A citação aborda o que considero ser a principal contribuição do livro: a análise de como esta forma de dominação faz parte de uma visão do mundo abrangente, mas inconsciente, razão pela qual passa frequentemente despercebida, por parecer tão natural. Ainda assim, a citação é problemática, uma vez que Bourdieu posiciona aqui um

¹ Traduzido do original em língua inglesa por Virgílio Borges Pereira.

“nós” vendado como um grupo ao qual ele próprio aparentemente não pertence, uma vez que trouxe o inconsciente para o domínio consciente com as suas palavras. Para além disso, podemos perguntar-nos até que ponto ele próprio o viu bem nas suas obras anteriores.

Antes de *A Dominação Masculina*

Nos seus trabalhos sobre a educação, os consumos culturais, o poder e a Argélia, Bourdieu sempre chamou a atenção para as desigualdades de género, mas estas permanecem secundárias em relação à classe. O sexo/género foi, na maior parte das vezes, tratado como uma variável independente sem complicações nas análises quantitativas. Mesmo no seu livro sobre os padrões matrimoniais dos camponeses franceses (Bourdieu, 2007), a história das relações de género é secundária em relação à história das transformações económicas implícitas no declínio do valor da terra. A história subjacente de que as jovens já não eram propriedades familiares a serem trocadas pelos pais em casamentos estratégicos, uma vez que tinham ganho o direito de escolher os seus próprios parceiros, não foi destacada.

Uma vez perguntei-lhe porque é que não abordou mais o sexo/género em *Homo Academicus* (Bourdieu, 1988 [1984]) e ele respondeu que era por ser tão óbvio. A citação sobre a dominação masculina pertencer a um inconsciente coletivo aborda, no entanto, precisamente a necessidade de dizer coisas óbvias em voz alta.

Segue-se uma citação frequentemente referida sobre a interligação entre sexo/género e classe, de *A Distinção* (Bourdieu, 1986, p. 106):

As propriedades do sexo são tão inseparáveis das propriedades da classe como o amarelo do limão é inseparável da sua acidez: uma classe define-se no seu aspeto mais essencial pelo lugar e pelo valor que atribui aos dois sexos e às suas disposições socialmente constituídas. É por isso que há tantas formas de realizar a feminilidade como há classes e frações de classe, e que a divisão do trabalho entre os sexos assume formas completamente diferentes, tanto nas práticas como nas representações, no seio de diferentes classes sociais.

Mas o que é que esta citação significa realmente?

A citação destaca a importante percepção de que diferentes princípios de dominação estão profundamente interligados. Bourdieu praticou uma espécie de pensamento interseccional antes de o conceito ter ganho o seu sucesso. Na verdade, o seu método analítico quantitativo preferido, a análise de correspondência múltiplas (também designada por análise geométrica de dados), é uma aplicação prática da ideia de que o significado de uma única variável não pode nem deve ser visto isoladamente, mas deve ser visto como estando sempre dependente de um conjunto de outras variáveis. O significado de ter nascido mulher não é o mesmo em diferentes classes e gerações.

Ainda assim, a metáfora do limão talvez não seja tão bem escolhida, pois, de certa forma, essencializa a feminilidade e a masculinidade. Há também limões verdes, e são tão ácidos como os seus semelhantes amarelos.

Bourdieu publicou um longo artigo nas *Actes de la recherche en sciences sociales*, em 1990, com o mesmo título do livro. Esta era a sua forma habitual de apresentar ideias dos seus livros em curso. Mas nenhum livro apareceu nos anos seguintes e o artigo nunca foi traduzido para inglês. Na Noruega, onde eu vivia e trabalhava com estudos de género na altura, alguém fez uma tradução pirata para norueguês que foi amplamente divulgada e discutida entre os investigadores de género. Encontrei-me com Bourdieu em Oslo, em 1995, e depois afiliei-me ao seu centro em Paris. Tive a oportunidade de lhe perguntar sobre o livro que faltava e ele falou-me das suas hesitações. Todos o iriam atacar, disse ele, e, se bem me lembro, eram sobretudo as feministas que ele referia. Encorajei-o a completar o trabalho e dei-lhe uma pilha de artigos fotocopiados, etc., que pensei que poderiam ser úteis nesse trabalho. Mas deixei Paris, em 1997, e não participei no seu trabalho sobre o livro, que foi publicado em setembro de 1998. Bourdieu tinha de facto razão quanto à receção, como mostra Yasmine Siblot no seu texto nesta obra (Siblot, 2025).

Ideias principais

Tal como assinalado na primeira citação, uma ideia-chave na análise de Bourdieu da dominação masculina é a de que esta é sustentada por uma visão coletiva do mundo que também é influente nas sociedades modernas, embora seja negada e expulsa para o inconsciente. Esta visão do mundo é, no entanto, explicitada nas sociedades arcaicas, razão pela qual Bourdieu se voltou para a sociedade

cabila, que estudou durante a sua estadia na Argélia no final dos anos 1950 e início dos anos 1960. Esta sociedade era profundamente hierarquizada e permeada por uma compreensão do espaço e do tempo baseada no gênero. O que é baixo, húmido, escuro, à esquerda, curvado, pequeno, etc., é conotado com a feminilidade, o que é alto, seco, luminoso, à direita, alinhado, grande, etc., com a masculinidade. Trata-se de um pensamento claramente estruturalista (e não pode ser coincidência que o artigo “La Maison Kabyle” [Bourdieu, 1970], onde algumas destas ideias foram apresentadas, tenha sido originalmente escrito como uma homenagem a Claude Lévi-Strauss). Forma-se uma homologia entre as estruturas sociais e o mundo físico, onde a dominação masculina e a submissão feminina são naturalizadas e gravadas nas estruturas mentais e nas práticas corporais. Este triângulo de homologias entre o mundo físico (ou espaço), as estruturas sociais (ou espaço social) e as estruturas mentais (ou *habitus*) é um tema recorrente nas suas análises anteriores, mas mais frequentemente relacionado com a classe social e não com o sexo/gênero.

O estatuto da análise cabila é uma fonte de críticas ou talvez apenas de mal-entendidos: será que Bourdieu quer dizer que este entendimento de sexo/gênero ainda reina, também no mundo ocidental? Bourdieu explicou que se centrou nesta sociedade arcaica e patriarcal por considerar que se tratava de um museu cultural onde se podiam observar compreensões aparentemente ultrapassadas dos sexos/gêneros. Estas seriam mais fáceis de observar com distância cultural e temporal. Defendia que estas ideias ultrapassadas sobrevivem no nosso inconsciente no mundo ocidental. Aparecem, por exemplo, como ideias sobre o que é natural e apropriado para rapazes e raparigas, respetivamente. Através da socialização, estas ideias são gravadas nos corpos das crianças. As diferenças de sexo/gênero, historicamente formadas, são assim essencializadas e passam a ser vistas como eternas e naturais. Chamou a esta transformação mágica de relações de poder arbitrarias em “natureza” uma forma de alquimia.

O nosso inconsciente coletivo é sustentado por instituições sociais. A família é, obviamente, a chave para a socialização, mas Bourdieu insistiu na importância de outras instituições também. A igreja, a escola e o Estado também contribuíram substancialmente para a naturalização e eternização das diferenças arbitrarias entre os gêneros. Atualmente, as instituições culturais, como o desporto e os meios de comunicação social, também desempenham um papel importante.

Para Bourdieu, o principal mecanismo de opressão não é a violência física nem a força material (o que, evidentemente, é uma afirmação contestada). É antes o funcionamento da violência simbólica através de estruturas mentais que criam a conformidade com a ordem social. Este entendimento da

dominação é particularmente pertinente em relação ao sexo/género. Assim, as mulheres tenderão “naturalmente” a excluir-se das esferas e atividades de que são excluídas. Quando são levadas a sair da “zona de conforto” atribuída às mulheres, tendem a reagir física e emocionalmente com medo ou embaraço. Os homens também são expostos, de forma dura, a lembretes sobre o lugar que lhes cabe. A profundidade da inscrição e do controlo social pode ser vista nas relações amorosas, em que as mulheres são atraídas por homens mais altos, mais velhos e mais ricos do que elas, e vice-versa para os homens. Pode também ser vista nas emoções das mulheres (vergonha, timidez, ansiedade...), que normalmente conduzem à autossupervisão. Pode ser visto em formas corporais de comportamento, como nas inibições das mulheres em ocupar espaço, relaxar o corpo, falar alto, etc. Bourdieu mencionou as saias e os saltos altos como lembretes materiais dos limites à liberdade de movimentos, mas na receção crítica do livro muitas mulheres discordaram veementemente do facto de as saias e os saltos altos serem opressivos e limitadores.

No entanto, as relações de poder nunca são simples nos estudos de Bourdieu. O autor acrescenta ambivalência à história ao referir que a dominação masculina é, em parte, uma fachada a manter, enquanto as relações de poder efetivas podem ser mais complexas. Na prática, as mulheres podem tomar as decisões, mas deixam os homens manter a aparência – possivelmente a ilusão – de serem eles a tomá-las. O autor utiliza exemplos dos cabilas, mas também um exemplo do romance *To the lighthouse* [*Rumo ao Farol*] de Virginia Woolf. As verdades são escondidas, através de negações coletivas e da cooperação para manter as aparências. Este é também o ponto principal de Bourdieu no seu prolongamento das análises de Marcel Mauss e Claude Lévi-Strauss sobre a forma como as relações de dádiva entrelaçam as sociedades (Bourdieu, 1992). Numa ilusão coletiva, as obrigações normativas reais e os padrões de troca subjacentes à oferta de presentes são disfarçados para que os atos possam parecer espontâneos e verdadeiramente generosos. Bourdieu defende que tais eufemizações são essenciais para o funcionamento do mundo social. A verdade sobre a dádiva é que ela é, ao mesmo tempo, uma obrigação social e um ato de generosidade. O mesmo se aplica à forma como funciona a dominação masculina: é uma opressão que é coletivamente disfarçada de galanteio, proteção, romance, sedução.... Do mesmo modo, a divisão genderizada do trabalho é disfarçada de escolhas ou dádivas gratuitas, através de autoenganos e encantamentos coletivos.

Sem encantamento nas relações sociais, o mundo social seria um lugar terrível para se viver. Ao mesmo tempo, porém, precisamos de ver através do

encantamento se quisermos combater a opressão que ele esconde. Acho que é por isso que muitas feministas se opõem aos chamados sinais de galanteria e polidez: não é preciso segurares a porta para mim, a não ser que aceites que eu também possa segurá-la para ti!

Questões sobre a violência e as mudanças

Até agora, apresentei a minha própria leitura deste livro. Como já foi referido, o livro foi objeto de críticas severas e Siblot (2025) retoma muitos pontos. Posso também referir um vídeo de Grégoire Simpson,² que retoma bem muitas das críticas. Vários pontos parecem-me, no entanto, exprimir mal-entendidos ou uma leitura com más intenções. Concentrar-me-ei aqui nos argumentos críticos que considero mais relevantes.

A primeira questão que considero pertinente é se a análise de Bourdieu sobre a cooperação das mulheres na sua própria opressão pode ser considerada como culpabilização da vítima. Será que ele subestima a violência física, quando se concentra tanto na violência simbólica, que depende da cooperação dos dominados? Ou quando insiste em virar a atenção para as instituições públicas em vez de a manter na esfera doméstica? Não me parece que esta crítica se justifique. A violência física é, de facto, abordada no livro. Para além disso, a violência simbólica é uma explicação relevante para o facto de ser frequentemente tão difícil para as mulheres maltratadas saírem de relações violentas.

Um tópico relacionado é se se pode dizer que Bourdieu põe demasiada ênfase na forma como os homens sofrem com a dominação masculina, através da pressão que lhes é colocada, através da opressão dos sinais de feminilidade nos homens e através das relações hierárquicas entre homens. Será uma expressão de "*himpathy*"³ o facto de Bourdieu destacar o sofrimento dos dominantes? Este conceito, de Kate Manne, foi, por exemplo, utilizado por Uhnoo (2022) para realçar a empatia dos advogados para com os homens acusados de violação. Defendo que, enquanto sociólogos/as, devemos

²<https://www.youtube.com/watch?v=ahNmfG1hlzM>.

³ [Nota da tradução] Por não se encontrar registada no dicionário de língua portuguesa, opta-se por manter a palavra na língua original. Tal como explicitado no texto, o conceito de "*himpathy*", da autoria de Kate Manne, remete, entre outros aspetos, para a "simpatia excessiva demonstrada relativamente a homens autores de violência sexual".

documentar e analisar todos os tipos de sofrimento e não negligenciar o sofrimento de algumas pessoas pelo facto de outras sofrerem mais. Para os/as sociólogos/as, é interessante compreender por que razão os homens são, em muitos aspetos, polarizados como vencedores e perdedores na sociedade. Os romances autoficcionais de Edouard Louis são também ilustrações relevantes deste ponto (por exemplo, Louis 2018). Considero mais pertinente, no entanto, criticar Bourdieu por minimizar a agência masculina em atos opressivos. Os homens que se aproveitam da sua força física ou posição superior para abusar ou explorar mulheres ou homens em posições inferiores não são simplesmente vítimas de ilusões, mas em geral sabem muito bem o que fazem.

O segundo ponto crítico que considero muito relevante é a ausência de análise das mudanças. Bourdieu foi sempre muito explícito sobre a razão pela qual colocou o acento tónico na continuidade e não nas mudanças (Bourdieu, 2002, p. 1):

Sempre me espantou (...) o facto de a ordem do mundo, tal como a encontramos, com as suas ruas de sentido único e os seus sinais de proibição de entrada, as suas obrigações e as suas sanções, ser em geral respeitada; o facto de não haver mais transgressões e subversões, (...); ou, ainda mais surpreendentemente, o facto de a ordem estabelecida, com as suas relações de dominação, os seus direitos e prerrogativas, privilégios e injustiças, acabar por se perpetuar tão facilmente (...), e de as condições de existência mais intoleráveis poderem ser tantas vezes vistas como aceitáveis e até naturais. E sempre vi a dominação masculina, e a forma como ela é imposta e sofrida, como o exemplo máximo desta submissão paradoxal, um efeito daquilo a que chamo violência simbólica, uma violência suave, impercetível e invisível mesmo para as suas vítimas, (...).

Para mim, esta citação é fundamental para compreender a sociologia de Bourdieu. Como a continuidade era o que o surpreendia, era esta que precisava de uma explicação sociológica. No que diz respeito à dominação masculina, por exemplo, ele assinalou o facto de o mercado de trabalho francês continuar a colocar as mulheres mais próximas das tarefas domésticas (trabalho de cuidados, etc.) e apenas em posições dominantes em áreas menos prestigiadas

– e de as mulheres continuarem a achar “natural” fazer estas escolhas e ter líderes masculinos. A principal mudança que reconheceu foi apenas o facto de a dominação masculina se ter tornado menos evidente.

Tendo vivido quase toda a minha vida na Escandinávia, os países com maior igualdade de género do mundo, não estou satisfeita com a falta de ênfase nas mudanças. De facto, as mulheres conquistaram direitos sobre o seu corpo e a sua vida privada, bem como o acesso à educação e ao poder político nestes países, enquanto o poder económico ainda está um pouco aquém. A análise de Bourdieu deixa assim muitas perguntas sem resposta: por que razão há variações nas relações de género – dentro e entre culturas ou sociedades? Porquê e como se produzem as mudanças? Não há dúvida de que o Estado-Providência melhorou as condições das mulheres, mas as mudanças nas relações entre homens e mulheres no sentido de uma maior igualdade não se verificam apenas nos Estados-Providência modernos.

Questões sobre a construção e a intersecção de categorias

Um terceiro ponto crítico que penso merecer alguma atenção é a questão de saber se a versão do construtivismo social de Bourdieu está um pouco desatualizada. Ele reconheceu que as diferenças de sexo/género não eram simplesmente dadas biologicamente, mas eram socialmente exageradas. A sua análise dos ritos de passagem (Bourdieu, 1991) sublinhou a forma como estes criam descontinuidade a partir da continuidade, de modo que o rapaz mais pequeno e menos musculado fique separado da rapariga maior e mais forte. Para Bourdieu, o conteúdo das categorias “homem” e “mulher” era construído, mas não o modelo dicotómico de dois sexos/géneros em si.

Atualmente, a rutura das identidades de género e sexuais dicotómicas afrouxa os laços entre corpo e identidade, o que, a meu ver, é sem dúvida uma evolução positiva que traz mais liberdade individual e tolerância. Antigamente, os corpos eram vistos como determinando tanto as identidades de género como as identidades sexuais, de modo que os genitais de um bebé determinavam as suas vidas. Este essencialismo corporal parece hoje, paradoxalmente, ter sido substituído por uma forma de essencialismo identitário em que muitos defendem que a identidade de uma pessoa pode exigir ajustamentos do corpo. Embora reconheça a liberdade das pessoas trans de alterarem os seus corpos,

considero absurda a designação de tais alterações como “*correções*” cirúrgicas do corpo, como se um corpo pudesse estar “certo” ou “errado”. Esta nova conceitualização da relação entre corpos e identidades está para além do que Bourdieu poderia ter previsto em 1998, e a sua versão do construtivismo não consegue lidar com ela.

O último ponto crítico, e parcialmente relacionado, que quero também abordar prende-se com uma forma algo antiquada de considerar as relações entre categorias nos estudos de Bourdieu. Embora tenha, de certa forma, aplicado análises interseccionais antes do seu tempo, não o fez de forma completa. O conceito de interseccionalidade foi introduzido (por Crenshaw, 1991) para explicar como os múltiplos aspetos das identidades se cruzam, se influenciam mutuamente e criam experiências de vida únicas. Aponta para a forma como as estruturas de poder/dominação trabalham em conjunto e/ou umas contra as outras de formas complexas. O significado de uma categoria não é estável, mas depende de outras categorias. Um exemplo poderia ser o facto de as mulheres negras não sofrerem opressão da mesma forma que os homens negros ou as mulheres brancas, estando as suas experiências simultaneamente ligadas ao local de residência, à classe, à idade, à sexualidade e a outras categorias.

Atualmente, na teoria interseccional (Christensen & Jensen, 2020), sustenta-se o princípio de que nenhuma categoria deve ser vista como privilegiada. Na prática, Bourdieu privilegiou a classe nas suas análises e tratou-a como uma espécie de categoria mestra. Além disso, apenas a classe era tratada como uma categoria construída, enquanto as categorias sexuais permaneciam estáveis e inquestionáveis. Bourdieu sublinhou frequentemente a diferença entre “classes no papel”, ou seja, categorias construídas sem existência real, e “classes reais”, no sentido de grupos mobilizados para a luta, ou seja, com uma identidade e uma causa comuns (por exemplo, Bourdieu, 1985). Ele nunca falou de sexo/género do mesmo modo.

Não estou a defender que ele esteja errado ao fazê-lo. A teoria da interseccionalidade tende a tratar todas as categorias como se fossem do mesmo tipo. Não são. Embora haja semelhanças na forma como categorias sociais como sexo/género, classe, raça, etnia, idade, etc., se inscrevem no corpo através de processos sociais (socialização, lembretes sobre o lugar próprio de cada um, etc.), todas elas têm particularidades. O sexo/género tem uma referência biológica que a classe não tem, mesmo que essa referência seja menos absoluta do que tradicionalmente se pensa.

Considero que é um contributo importante de *A Dominação masculina* mostrar que a sociedade exagera as diferenças de sexo/género e que esse exagero é uma das principais formas de naturalização da dominação masculina. Apesar de Bourdieu não estar atualizado em relação ao feminismo e aos estudos de género na altura em que escreveu, e apesar da impossibilidade de prever a evolução posterior neste campo, o seu livro continua a ser valioso na medida em que mostra como o sexo/género está profundamente ligado ao poder e à dominação.

Referências bibliográficas

Bourdieu, P. (1970). "La maison kabyle ou le monde renversée". In C. Lévi-Strauss, J. Pouillon, & P. Maranda. *Échanges et communications, II: Mélanges offerts à Claude Lévi-Strauss à l'occasion de son 60ème anniversaire*. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton.

Bourdieu, P. (1985). The social space and the genesis of groups. *Social Science Information* 24(2), 185-220.

Bourdieu, P. (1986). *Distinction. A social critique of the judgment of taste*. London: Routledge.

Bourdieu, P. (1988). *Homo Academicus*. Cambridge: Polity.

Bourdieu, P. (1990). "La Domination masculine", *Actes de la recherche en sciences sociales*, 84: 2-31.

Bourdieu, P. (1991). *Language and Linguistic Power*. Cambridge MA: Harvard University Press.

Bourdieu, P. (1992). *The Logic of Practice*. Stanford: Stanford University Press.

Bourdieu, P. (1998). "On male domination", *Le Monde Diplomatique* <https://mondediplo.com/1998/10/10bourdieu>.

Bourdieu, P. (2001). *Masculine Domination*. Cambridge: Polity.

Bourdieu, P. (2007). *The Bachelors' Ball. The Crisis of Peasant Society in Béarn*. Chicago: University of Chicago Press.

Christensen, A.D., & Jensen, S. Q. (2020). "Intersectionality". In L. Gottzén, U. Mellström, & T. Shefer (eds.), *Routledge International Handbook of Masculinity Studies* (pp. 81-91). London: Routledge.

Crenshaw, K. W. (1991). Mapping the Margins – Intersectionality, Identity Politics and Violence Against Women of Colour. *Stanford Law Review*, 43 (6), 1241-1299.

Louis, E. (2018). *The End of Eddy*. London: Vintage Publishing.

Siblot, Y. (2025). "La domination masculine": contextualização, recepção, crítica e dinamização do legado de uma obra. In V. Borges Pereira (Org.), *Bourdieu e os seus livros: exercícios práticos de leitura*. Porto: U.Porto Press, neste volume, (pp. 231-243).

Uhnoo, S. (2022). "Could it be my son? Strategic himpathy work in rape trials". *Nordic Research Council for Criminology Blog* <https://www.nsfk.org/blog/could-it-be-my-son-strategic-himpathy-work-in-rape-trials/>.